

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

104

INSCRIÇÕES 460-463



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES  
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
2013

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*Toda a colaboração deve ser dirigida a:*

Instituto de Arqueologia  
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes  
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Palácio de Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



PLACA FUNERÁRIA DA *CIVITAS IGAEDITANORVM*  
(*Conventus Emeritensis*)

Placa funerária romana, de mármore rosado e cristalino do tipo Estremoz / Vila Viçosa, com forte pátina acastanhada e levíssimas escoriações subseqüentes, derivadas da longa exposição aos agentes atmosféricos. Foi achada por volta de 1958, aquando das investigações levadas a efeito na área adjacente à capela da Senhora do Almortão (freguesia e concelho de Idanha-a-Nova), sob orientação de D. Fernando de Almeida.<sup>1</sup> Encontra-se na posse de Francisco Aragão, que a guarda na sua casa, em Lisboa, onde a estudámos a 25.1.2013.<sup>2</sup>

Falta-lhe uma porção do lado direito, de fractura irregular,

---

<sup>1</sup> Dessas pesquisas resultou, no mesmo contexto espacial, o achamento da árula a *Igaedus*, hoje também na posse da mesma família: cf. ENCARNAÇÃO (José d'), *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o Seu Estudo)*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1975, p. 199-200. Aproveita-se o ensejo para corrigir a interpretação que nesse livro se deu à identificação da dedicante, na seqüência do que escrevera D. Fernando de Almeida (in «*Igaedus*, Divindade Lusitana, e a Senhora do Almortão», *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, III série, 8, 1964, p. 65-73): é *Caetronia Vitalis* e não *Caetronia Vitalis (filia)*.

<sup>2</sup> Agradecemos a Francisco Aragão e seus familiares – designadamente a seu pai, João Trigueiros de Aragão, que teve oportunidade de acompanhar as pesquisas de D. Fernando de Almeida – as facilidades concedidas, na seqüência do apoio que prontamente já disponibilizara ao projecto Portugal Romano ([www.portugalromano.com](http://www.portugalromano.com)).

que levou a parte final das linhas 1 a 3. Alisada lateralmente, mas sem rigor geométrico, para facilitar a fixação no jazigo de família a que a placa, naturalmente, se destinou; também por isso a superfície posterior está trabalhada a ponteiro. Do lado esquerdo, quiçá por alguma tentativa de reutilização (felizmente falhada), há um corte de 14 cm de comprimento e 1,5 cm de largura.

Tipologicamente, a placa tem um paralelo perfeito noutra epígrafe da *civitas Igaeditanorum*, decerto proveniente da mesma oficina.<sup>3</sup> Obedece aos cânones estéticos clássicos mais apurados, de evidente inspiração itálica: a moldura que limita o campo epigráfico ostenta, de fora para dentro, uma fiada de pérolas, em baixo-relevo obtido por ‘escavação’, seguida, após listel, de uma outra, preciosa, de folhas de acanto. O campo epigráfico, não é, pois, escavado; a molduração é que é.

Dimensões: 63 x 76,2 x 14,8.

Campo epigráfico: 39 x 64.

C(*aius*) · ALLONIV[S] / SEVERINVS · NOR[BA]/NAE ·  
SILAE · VXOR[I] / OPTVMAE / <sup>5</sup> F(*aciendum*) C(*uravit*)

*Gaio Alónio Severino mandou fazer a Norbana Sila, ótima esposa.*

Altura das letras: l. 1: 6; l. 2: 5; l. 3: 5,5; l. 4: 7; l. 5: 6,5.

Espaços: 1: 1,8; 2 e 3: 1,5; 4: 2: 5: 1,5; 6: 1.

Ainda que incompleta, não estaremos certamente longe da realidade se considerarmos ter havido, da parte do lapicida, a preocupação de paginar cuidadosamente o texto segundo um eixo de simetria e em obediência, tanto quanto possível, à lógica textual, não deixando, no entanto, de dar relevo a uma palavra que assume aqui particular valor emocional: o superlativo

---

<sup>3</sup> SA, Ana Marques de, *Civitas Igaeditanorum: Os Deuses e os Homens*, Município de Idanha-a-Nova, 2007, inscrição n.º 85, p. 76-77.

*optumae*,<sup>4</sup> que singularmente qualifica a esposa.<sup>5</sup> As letras que reconstituímos no final das linhas 1, 2 e 3 partem desse pressuposto.<sup>6</sup> A reconstituição de BA no termo da l. 2 afigura-se-nos insofismável, na sequência do R, de que resta boa parte.

Pontuação de acordo com as normas, colocada onde era necessária, ausente na fórmula final, dado que o espaçamento das siglas (em módulo um tudo-nada maior) naturalmente a dispensava. De ténues pontos circulares, permitiu, todavia, que, antes de *Silae*, o lapicida se esmerasse a ensaiar gracioso ponto triangular.

Caracteres monumentais quadrados, de desenho simétrico, gravados a goiva, como nesta parte ocidental da Lusitânia foi hábito nos primeiros monumentos epigráficos, datáveis de finais do século I a. C. É, de resto, cronologia que, também pelo texto e pela paleografia, não hesitamos a atribuir a esta epígrafe. Registe-se o carácter geométrico do conjunto; o C e o O bem circulares; o A com travessão cuidado; barras do L horizontais e amplas...

O dedicante identifica-se com os *tria nomina*; é raro o seu gentílico, *Allonius*, que Schulze<sup>7</sup> refere e de que Forcellini (TLL, p. 1689) cita, de Roma, três testemunhos: *Allonia Potita* (CIL VI 15 056) e *Allonia Macela* e seu marido *Alonius Zotikus* (CIL VI 15 450, em grego). Na estela de Chão do Pião (Cardigos, Mação), lê-se *Allon...*, que também tem sido interpretado como *Allonius*; no entanto, o mau estado da epígrafe não permite que

---

<sup>4</sup> Não sendo, como se sabe, argumento a esgrimir peremptoriamente, anote-se que, no contexto desta epígrafe, a opção por **u** em vez de **i** reflecte uma oralidade própria dos inícios da aculturação.

<sup>5</sup> Ao compulsarmos os índices de CIL II (p. 1198 e 1199), verificamos que o adjectivo *optimus* apenas surge onze vezes a qualificar *uxor*; em CIL II 6271, placa funerária monumental da *gens Cadia* identificada em Almourol (*conventus Scallabitanus*) regista-se outro exemplo de *uxori optumae*.

<sup>6</sup> A hipótese de haver menção do patronímico – *C(aii) · F(ilius)* – no fim da l. 1 não resultou viável, perante a simulação ensaiada pelo Dr. José Luís Madeira: o F ficaria na moldura! Agradecemos-lhe a prontidão com que acedeu a ‘completar’ graficamente o monumento, reconstituição que mui gostosamente apresentamos. Assinale-se, no entanto, que a presença ou ausência da filiação de pouco adiantaria no que concerne à identificação do estatuto social.

<sup>7</sup> SCHULZE (Wilhelm), *Zur Geschichte Lateinischer Eigennamen*, Berlim, 1966, p. 307.

se trate do mesmo antropónimo.<sup>8</sup> Quanto a nós, é *nomen* latino.<sup>9</sup>

*Severinus* é *cognomen* latino e dele se conhecem, pelo menos, 15 outros testemunhos na Lusitânia, dois dos quais, no feminino, na própria *civitas Igaeditanorum* (Sá, *o. c.*, inscrições nºs 92 e 185).

*Norbanus* constitui, por seu turno, *nomen* a que os investigadores têm atribuído, e com razão, relação estreita com a *Colonia Norba Caesarina*, actual Cáceres, fundada, em 34 a. C., pelo procônsul Gaio Norbano Flaco. São inúmeros os testemunhos documentados, nomeadamente nessa zona central da Lusitânia,<sup>10</sup> inclusive vários na própria *civitas Igaeditanorum*, onde, por exemplo, uma epígrafe (HEp 2, 1990, 769) traz uma lista de, pelo menos, oito *Norbani*, o que, segundo Vasco Mantas, significa «especial destaque» para a *gens Norbana* e pode constituir mais um elemento a reforçar a hipótese de ter sido o citado procônsul o fundador também da *civitas Igaeditanorum*,

<sup>8</sup> Carlos Moutoso Batata (in *Idade do Ferro e Romanização entre os Rios Zézere, Tejo e Ocreza*, Trabalhos de Arqueologia, 46, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 2006, p. 63) escreve, a esse propósito: «Aí diz-se que Alónio é filho de Lúcio, o que não parece ser muito normal. O que é corrente é indígenas porem nomes romanos aos filhos e não um romano ou romanizado pôr um nome indígena ao filho. Poderá ser possível uma outra leitura da inscrição. Com efeito, na segunda linha só aparecem as duas primeiras letras de Lúcio. O nome também poderia ser *Lubaecus*, o que estaria mais de acordo com a condição social de Alónio, que é um antropónimo frequente na área celtibérica e galega». Trata-se, pois, de uma epígrafe que carece de revisão, assim como essa informação acerca da indicada distribuição do nome, pois dele não encontramos, de facto, mais referências na Península. Mais adiante (p. 68), Carlos Batata sugere uma ligação desse radical com a *gentilitas* dos *Allonicum*, que estaria localizada na região de Cáceres.

<sup>9</sup> Aliciante seria relacioná-lo com os *Aloni*, povo da Mesopotâmia referido por Plínio (*Naturalis Historia*, 6, 118), ou ainda com *Allone*, cidade da *Hispania Citerior* colónia de *Marsilia*, citada por Pompónio Mela (*De Chorographia*, 2, 6, 6). Trata-se, porém, de meras suposições.

<sup>10</sup> Cf. Milagros NAVARRO CABALLERO e José Luís RAMÍREZ SÁDABA (coord.), *Atlas Antropológico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003, p. 248-250, mapa 217. Foi García y Bellido (in «Dictamen sobre la fecha fundacional de la colonia Norbensis Caesarina, actual Cáceres», *Boletín de la Real Academia de la Historia* 159 1966 279-292, sobretudo p. 286-287) quem por primeiro relacionou a ocorrência frequente deste gentílico na região, o que denunciaria, em seu entender, uma relação íntima com a colónia.

«de acordo com um plano geral de organização dos territórios desta vasta área da bacia do Tejo, elaborado antes do regresso do procurador em Roma, onde triunfou *ex Hispania* em 12 de Outubro de 34 a. C.».<sup>11</sup>

O *cognomen Sila* – de que este poderá ser o primeiro testemunho na Lusitânia romana – inclui-se igualmente entre os antropónimos de origem latina: Kajanto refere-o como masculino de tema em *-a* e como feminino, indicando que identificou, no conjunto do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, 5 homens e 4 mulheres.<sup>12</sup> Na Península, a darmos crédito ao que vem documentado em <http://eda-bea.es/>, teremos apenas 4 testemunhos, dos quais 2 em contexto que poderíamos designar indígena, pois a personagem vem identificada com o nome mais o patronímico: *Sila Silonis* (registos n<sup>os</sup> 20 829 e 25 090).

Apesar da sua onomástica latina, o facto de ser *Norbana* e de o seu cognome, apesar de latino, ter conotações indígenas, afigura-se-nos viável sustentar a presunção de que, mais uma vez, pela via matrimonial se assiste a um evidente fenómeno de aculturação, dado que é possível atribuir a *Severinus* uma origem não-hispânica, atendendo inclusive à datação precoce que propomos para a epígrafe.

Não pode, finalmente, deixar de se salientar o papel ímpar que assume a esbelta decoração, a integrar o monumento no número, escasso, das placas epigrafadas em que, para além da mensagem textual, a mensagem estética – a evidenciar estatuto económico e mesmo social não despiciendos – se impõe à vista de todos.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

RAUL LOSADA

<sup>11</sup> MANTAS (Vasco Gil), «*Orarium donavit Igaiditanis*: epigrafia e funções urbanas numa capital regional lusitana», *Actas del I Congreso Peninsular de Historia Antigua*, II, Santiago de Compostela, 1988, p. 419-420.

<sup>12</sup> KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 105 e 237.

